

REVISITA AOS POETAS DO CLÃ

A conferencista:

Profa Dra Vera Lucia Albuquerque de Moraes,

Por Angela Gutiérrez, em 8/10/2013

Em nossos ciclos anuais de conferências, a Academia Cearense de Letras tem recebido muitas vezes a Profa Vera, com prazer e honra, para apresentação de suas pesquisas e estudos. Professora do Departamento de Literatura e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, a experiência da Profa Vera no magistério e em pesquisas centra-se nas áreas de Teoria Literária e Literatura Cearense, atuando, principalmente, nos seguintes temas: imaginário dos afetos, representações femininas na literatura, análise do discurso, Literatura Infantil, Literatura Comparada, Literatura e História, Literatura e Filosofia, Literatura e Sociologia, Literatura e Psicologia, Literatura e outras Artes, José de Alencar, Clarice Lispector, Grupo CLÃ. Na universidade, Vera Albuquerque vem orientando monografias de especialização, dissertações de mestrado e tese de doutorado, assim como participa de bancas e eventos literários.

Sua formação acadêmica iniciou-se com graduação em Letras, tendo continuidade com Curso de Especialização e Mestrado em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em que apresentou dissertação intitulada *A Revista Clã - trajetórias culturais do modernismo cearense*, posteriormente publicada. Doutorou-se em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, com tese sobre o discurso amoroso de José de Alencar, tendo realizado Pós-Doutorado na Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre "Representações dos Afetos Femininos na Literatura Brasileira".

Como escritora, recebeu vários prêmios: Prêmio Osmundo Pontes, 2004, pelo ensaio *Entre Narciso e Eros: o discurso amoroso de José de Alencar*; Prêmio Secult, IV Edital de Incentivo às Artes e Cultura no Ceará, 2008, pela coletânea de crônicas *Brinco de pérola* e Prêmio Secult, VI Edital de Incentivo às Artes e Cultura no Ceará, 2010, pela coletânea de poemas *À flor da pele*. Outras obras: *A arte poética de Artur Eduardo Benevides*, pela Editora da UFC; *Um olhar de criança: a percepção infantil do universo adulto* em Clarice Lispector.

A Profa Vera publica artigos em revistas especializadas e em coletâneas de ensaios, assim como em anais de congressos e simpósios. Organizou várias coletâneas de estudos em parceria: *Dossiê Alencar: 180 anos*, com Angela Gutiérrez e Fernanda Coutinho, pelas Edições UFC; *Homenagem aos 60 anos de Clá- Revista de Cultura*, com Angela Gutiérrez e Ana Remígio Osterne; *Dossiê temático Clarice Lispector*, com Fernanda Coutinho; *Discurso e Memória em Alencar*, com Ana Remígio Osterne, entre outras.

Nossa mais importante parceria realizou-se no Instituto de Cultura e Arte-ICA e na Casa de José de Alencar, onde organizamos simpósios, orientamos bolsas de pesquisa e de arte, coordenamos projetos na área de extensão, publicamos coletâneas e planejamos atividades culturais dessas instituições.

Revisita aos poetas do CLÁ

Vera Lucia Albuquerque de Moraes

O Grupo que se formou em torno da Revista CLÁ - grupo de CLÁ ou Grupo CLÁ - tem sido considerado como a mais importante das agremiações literárias do modernismo cearense, elegendo Fran Martins como diretor de sua Revista, desde 1948, com a publicação do 1º número. Quase todos os movimentos intelectuais cearenses, entre os anos de 1946 e 1988, tiveram

promoção e divulgação asseguradas pelo Grupo CLÁ: sua atuação se fez sentir no Instituto do Ceará, na Academia Cearense de Letras e na Casa de José de Alencar, entre outras instituições.

O movimento de CLÁ se deve, em grande parte, à iniciativa de Antônio Girão Barroso, pois, segundo suas palavras, “CLÁ” não é mais que um til colocado nas iniciais do Clube de Literatura e Arte, por ele fundado. O poeta Otacílio Colares considerou que esse Clube passou a chamar-se, em seguida, Clube de Literatura e Arte Moderna, e a sigla daí derivada – CLAM ou CLÁ – identificava tantos os escritores que compõem o Grupo, como a sua Revista, espaço em que eles divulgavam para o Brasil e para o exterior, idéias sobre a cultura cearense.

Além disso, no tempo em que circulou, em Fortaleza, o primeiro número da Revista CLÁ, surgiu simultaneamente, de modo quase clandestino, um jornal literário com o mesmo nome. Esse jornal, contudo, não logrou a repercussão esperada e logo saiu de circulação. A Cooperativa Edições CLÁ Ltda. – Edições CLÁ -, destinada à publicação e distribuição de livros de escritores cearenses, notadamente no Rio de Janeiro e em São Paulo, também foi fundada em fins da década de 40. Como se vê, quando surgiu o primeiro número da Revista, a sigla “CLÁ” já havia sido utilizada para identificar um Clube de Arte, um jornal literário e uma editora.

No nº 1, pg. 15, o escritor Fran Martins observa:

De uma coisa estávamos certos: não tínhamos nenhuma intenção de criar um grupo, como acontecera com a Padaria Espiritual, ou a chamada Academia Francesa, ou com o Centro Literário. Não éramos, na verdade, criadores de movimento: éramos movimento, isto é, agíamos espontaneamente, inconformados, com ou sem razão, rebeldes, mesmo sem uma causa aparente para a rebeldia, sobretudo libertos de preconceitos ideológicos ou literários, cada um trabalhando em seu ofício, segundo

suas próprias tendências, sem o fato de, juntos, fazermos uma revista ou compormos uma associação que nos obrigasse a adotar atitudes que contrariassem, pelo mais íntimo que fosse, as nossas intenções... Daí o espanto que sempre tenho quando ouço falar em Grupo de CLÁ, em movimento de CLÁ e outras coisas que tais. Na verdade, se grupo houve, foi à margem das nossas idéias ou atitudes, grupo nascido espontaneamente e que se caracteriza talvez pelo fato de, em determinado momento, termos existido, conversado, discutido, escrito.

A Revista CLÁ sempre se manteve aberta à colaboração de escritores de talento, que não encontravam um veículo para expressar suas idéias. Para livros curtos, artigos, ensaios, poemas, contos, novelas, peças de teatro, crônicas e fragmentos de romance escritos por autor cearense, foi criada a seção *O Livro de CLÁ*. Seus redatores mantiveram seções focalizando também livros de outros estados, livros estrangeiros, revistas, cinema, rádio e teatro, política, música e artes plásticas, colocando também em destaque pintores cearenses de talento como Aldemir Martins, Antônio Bandeira, Barbosa Leite, Zenon Barreto, Barrica, Estrigas, Mário Baratta e o maranhense Floriano Teixeira, dentre outros. A produtividade poética da agremiação põe em destaque o trabalho de um grupo bastante coeso, no que toca à densidade e profundidade de sua produção; acentua, contudo, características poéticas bem distintas de cada um dos seus participantes.

De acordo com o artigo nono de seus estatutos, são considerados sócios fundadores de CLÁ os seguintes escritores: Aluizio Medeiros, Antônio Girão Barroso, Antônio Martins Filho, Artur Eduardo Benevides, Braga Montenegro, Eduardo Campos, Fran Martins, João Clímaco Bezerra, José Stênio Lopes, Lúcia

Fernandes Martins, Milton Dias, Moreira Campos, Mozart Soriano Aderaldo e Otacílio Colares.

Em CLÁ 27, pg. 23, Mauro Benevides observa:

Constituído inicialmente por Joaquim Alves, Aluizio Medeiros, Fran Martins, Antônio Girão Barroso, Otacílio Colares, Artur Eduardo Benevides, Mozart Soriano Aderaldo, João Clímaco Bezerra, Eduardo Campos, Moreira Campos, Braga Montenegro e José Stênio Lopes, o famoso grupo seria acrescido de Milton Dias, Cláudio Martins, Pedro Paulo Montenegro e Durval Aires, contando sempre em todos os momentos, com o apoio de Antônio Martins Filho, um dos maiores incentivadores das letras e das artes, no Ceará.

-A carpintaria do grupo-

O grupo CLÁ surgiu como uma das expressões da geração de 45, embora, como assinalam os escritores Otacílio Colares e Antônio Girão Barroso, eles próprios não tivessem consciência desse fato, naquela época. Sânzio de Azevedo, em seu livro *Literatura Cearense*, p. 430, observa que o escritor Joaquim Alves, em artigo de 1944, refere-se ao surgimento de um novo grupo ao qual pertenciam Fran Martins, Aluizio Medeiros, Otacílio Colares, Antônio Girão Barroso, Albano Amora e os mais recentes Artur Eduardo Benevides e Eduardo Campos. Durante sua formação, o grupo CLÁ recebeu influência direta da geração de 30, embora a escritura de seus poetas identifique-se à da geração de 45, por se manifestar equilibrada, sem caráter polêmico, com temática acentuadamente humanista.

Procurando recuperar a funcionalidade da arte e empreendendo um constante esforço para sua reintegração com a vida, o grupo CLÁ veio trazer a definitiva implantação do Modernismo no Ceará. Essa agremiação surgiu, portanto, quando já havia passado a face primitivista do Modernismo e os poetas entravam em

outra fase, chamada por alguns de construtivista. Despontava, portanto, a geração de 45, quando o grupo CLÁ, já com alguns livros publicados, começou a projetar-se, segundo depoimento do poeta Antônio Girão Barroso:

Depois, muito tempo depois, falou-se numa geração de 45. Se ela existiu, segundo os justos desejos de um Lêdo Ivo e de Domingos Carvalho da Silva, não soubemos na época, o que não deixa de ser lamentável. A verdade é que, pelo menos alguns de nós - estreados em livro na década de 30 ou um pouco depois de 40 - funcionamos aqui como uma espécie de ponte entre o modernismo e algo que talvez só esteja surgindo agora.

Essa geração representa uma volta da poesia à sua depuração formal e à restauração de certos gêneros fixos como o soneto e a ode. Existe uma certa preocupação no sentido de selecionar temas e expressões formais, vigiando a emoção por um esforço de objetivismo e intelectualismo. Essa característica não se restringe aos elementos da geração de 45, mas se revela, também, entre os poetas da geração anterior, a exemplo de Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo e Jorge de Lima.

Abrir caminho para o reencontro com a essência, possibilitando a transmissão de uma mensagem de sólido humanismo ao leitor, constitui o compromisso do escritor com seu espaço vital. Os poetas de CLÁ procuram fugir à idéia da desumanização, à idéia do homem exilado no interior de uma solidão coletiva, perdido entre semelhantes, afastado pelo individualismo da concorrência pela vida, principalmente nas grandes cidades.

Entre os poetas do grupo, o único a cultivar o soneto, na linha apurada dos neoclássicos, foi o escritor Otacílio Colares. Por sua formação humanista, continuou a assumir as normas fixas do verso, com grande segurança, registrando, de modo sensível,

sua realidade interior, sem limitar as possibilidades expressivas do poema. Toda sua produção poética é de um lirismo fortemente marcado pela confidência, pela plenitude dos sentidos, pela visão familiar do mundo. Essas características o tornam um poeta de grande acessibilidade, fazendo de sua obra um instrumento privilegiado de transfiguração lírica do mundo e das situações humanas. Sua estréia data de 1946, com a participação no livro *Os Hóspedes*, antes do aparecimento da Revista CLÁ. Um ano depois publicaria o livro *Poesia*, mas seus melhores sonetos fazem parte do livro *O Jogral Impenitente: A Hora Íntima, Unicamente, Soneto do Desencanto, Soneto de 9 de outubro, Outono*. Publicou o livro de ensaios *Lembrados e Esquecidos*, contendo trabalhos de observação biobibliográfica e crítica, procurando, segundo suas próprias palavras, trazer à tona autores que estavam praticamente relegados ao esquecimento de muitos, principalmente das novas gerações.

Segundo o escritor Moreira Campos, o verso de Otacílio Colares afirma-se naquela busca consciente do “real absoluto”:

“A idéia é a força imanente, que se projeta através de uma forma, ora procuradamente nova, ora de acentos que nos chegam embalados por doce antigüidade”. (CLÁ 25, p. 138).

Até certo ponto, Otacílio Colares é um novo José Albano, não raro porém mais neo-clássico do que clássico. Seus trabalhos receberam críticas favoráveis do poeta Manuel Bandeira: *Três Tempos de Poesia* reúne o melhor da produção poética de Otacílio Colares, ao longo de trinta anos de trabalho constante, embora não numeroso. De acordo com o livro *Poesia Cearense e Realidade Atual* do escritor Pedro Lyra, a primeira fase de Otacílio Colares como poeta, contém vinte sonetos líricos, quase todos de **amor**, oscilando entre a serenidade do *Soneto em Tons Menores* e a exaltação do *Estudo em Nu*, sintetizadas essas atitudes no ideal amoroso do belo *Soneto de Nove de Outubro*:

*Vai longe o tempo? Nem sei bem, só vejo
que, quanto mais e mais se faz distante
a hora do amor nascente, mais desejo
estar junto de ti, amigo e amante.*

Na 2ª fase, o homem vai amadurecendo e troca o deslumbramento adolescente pela reflexão adulta. Essa reflexão, pensando o mundo, vai concluir radicalmente pela inutilidade de tudo, no soneto *Vanitas*:

*A vã palavra, a glória vã, a triste
E vã filosofia da amizade;
A vã cobiça, a vã temeridade
Que, por ser tal, no mínimo consiste;*

*E a esperança, que é vã e não subsiste
Mais do que o instante vão duma saudade,
Tudo nada mais é que a só verdade
Do mistério no ser que em vão existe...*

*Vão... vácuo, abismo - céu e inferno - e sobre
A frente de ilusões às vezes plena
A dor de não saber sobre outro dia.*

*E depois ao final, como num dobre
Em noite de presságios, não serena,
A voz da morte, paulatina e fria...*

Em sua 3ª fase, o poeta Otacílio Colares evolui para a tentativa modernizante do verso livre-e-branco - apesar de conservar o tônus clássico da linguagem - denunciando a causa da dessencialização do homem:

*Impossível esquecer
que o mundo é cada vez mais vago
mais difícil a hora do amigo
e o anseio da criação mais triste e ponderável.*

Antônio Girão Barroso destacou-se como autêntico líder dos empreendimentos levados a efeito no Ceará, em favor das letras e das artes. Sua participação ativa, no 1º Congresso Cearense de Escritores e na publicação da Revista CLÁ, evidencia o escritor voltado para as renovações que se processavam no mundo artístico. Publicou o livro *Os Hóspedes* em parceria com Artur Eduardo Benevides, Otacílio Colares e Aluízio Medeiros. Posteriormente, publicou, pelas Edições CLÁ, o livro de poemas *A Ilha*, que traz prefácio de Yaco Fernandes e uma bonita capa de Aldemir Martins.

Segundo o escritor Pedro Lyra, a poesia de Antônio Girão Barroso é o legado cearense mais identificado com o movimento renovador de 22, apesar da defasagem sofrida: seu livro de estréia é de 1938, quando o Modernismo já superara a fase localista e consolidava a reconstrução empreendida pela geração de 30. Sua linguagem se apresenta como literatização da linguagem popular, de expressões coloquiais, singularizando-se por construções como as que transcrevemos de seu livro *Alguns Poemas*, publicado em 1938, em Fortaleza, por Edésio Editor:

“O trem passa pinicando sordades”

“Vem danado pra chegá”

“Um bando de colegiais

tão fazendo sururu na rua”

“Minha noiva foi simbora”

Em todos esses casos, observamos uma homenagem do autor à tradição oral do português do Brasil, através da incorporação dos vulgarismos mais usuais à linguagem literária, procurando sintonizar a prática poética com o gosto popular. A sátira é um dos pontos fortes de sua poética: satiriza o versejar empolado e o tom oratório de alguns poetas com suas frases de efeito. Esse tributo a 22 se manifesta claramente na afinidade de Antônio

Girão Barroso com Manuel Bandeira - o poema inicial do livro *A ilha - Estação de Ferro* - é uma paródia do *Trem de Ferro*; o poema *Menino* repete a mensagem de *Canto Cruel*. Outra nota expressional visível na poética inicial de Antônio Girão Barroso é o seu gosto pela linguagem tautológica, também refletindo a fala popular brasileira:

*Rapaz, a vida é ruim, é;
O amor é ruim, é;
Os homens também, são;
As mulheres também, são.*

O prosaísmo intencional de sua produção poética, expressando nessa integração arte-vida sua visão do mundo, denota, de algum modo, o desencanto pelas promessas grandiloqüentes. Apresenta o homem despido de sua "máscara" social, sintetizado naquilo que o essencializa, não importando a posição hierárquica que representa diante do mundo. Antônio Girão Barroso retrata a realidade social, polemizando o progressivo esvaziamento humano, como no poema *Imagem*:

*Você está vendo o céu muito branco
todo coberto de nuvens
o mundo por isso tão triste
todo coberto de sombras
sem um pingo de sol
sem um pingo de vida?*

Por vezes, constata-se um recuo, um manifesto de humildade e de acomodação do escritor cansado das contínuas idas e vindas de seu espírito no processo de libertação - é quando ele começa a olhar ao redor, sentindo o passar dos dias, o peso das coisas cotidianas, os mínimos e inconsoláveis problemas da vida. No poema *Os dias preguiçosos*, ele declara:

*Segunda-feira é um grande problema.
Tudo está em saber se é o primeiro ou o segundo dia da semana.
Há quantos anos, meu Deus, discuto com o meu pai
Os mais transcendentais problemas da existência.
Mas até hoje nenhum de nós sabe, exatamente, se segunda-feira é
o primeiro ou o segundo dia da semana.*

Aluísio Medeiros, apesar de ter participado de antologias do conto, não se destaca exatamente por sua condição de contista, mas de poeta. Trata-se de um escritor essencialmente lírico, de uma extraordinária fineza e de uma pura expressão artística. Seu lirismo está ligado à vida cotidiana e suas manifestações, daí o porquê da insistência da **temática social** em seus versos. Não sucumbiu às idéias de um lirismo decadente e sem perspectiva, antes fixou-se na realidade circundante como motivação de sua criatividade literária.

Autor de três livros - *Trágico Amanhecer*, *Mundo Evanescente e os Objetos* - co-autor de *Os Hóspedes*, teve participação ativa no movimento de renovação artística do Ceará. Participou, em 1941, do 1º Congresso de Poesia do Recife, com o trabalho *Triângulo de Poesia*, em parceria com Antônio Girão Barroso e Otacílio Colares. Participou do 1º Congresso Brasileiro de Escritores, em outubro de 1947, na cidade de Belo Horizonte, com os seguintes trabalhos: *A identidade da arte pela arte e da arte de tese*; *A missão do escritor* e *Um boletim para a ABDE*. Dirigiu as seguintes revistas literárias cearenses: *Letras*, *Movimento* e *Itinerário* e foi secretário da Revista CLÁ até a publicação do número 15.

Seu livro de poemas *Os Objetos* coloca o autor em posição singular dentro do grupo. Aprofunda-se em pesquisas de temática fenomenológica, chegando, algumas vezes, ao hermetismo profundo. Assume posição de vanguarda na literatura cearense, sem, contudo, desligar-se de suas contingências culturais. *Os Objetos* é um livro vigoroso, denso e repassado de humanidade:

o autor vale-se das riquezas interiores e das sugestões da palavra, procurando não se escravizar ao automatismo do subconsciente. No 1º poema desse livro, o escritor procura tornar explícitos seus procedimentos poéticos, procurando efetuar uma decifragem do homem:

*Poderia dizer que sou um Deus;
que as estrelas aureolam a minha cabeça imaginativa;
que a todo instante posso criar
tantos mundos ao sabor dos meus desejos.*

*Mas sou, como os outros, telúrico e humano,
uso o silêncio de galocha, grito,
trabalho e sinto fome, oceânico e lúbrico,
ando com a barba por fazer.*

Os *Objetos* constituem a redescoberta do mundo pelo poeta, o relacionamento direto dos olhos com as coisas, do ente com a natureza, da apreensão do fenômeno no próprio momento em que acontece, nesse constante vir-a-ser, que é a própria vida “se fazendo”:

*Os olhos e o gesto fixos
na maçaneta da porta
que é desespero e medo
que é fenda para a libertação
que é divisora do mundo.*

Novamente, o poeta manifesta desejo de ver as coisas, de exteriorizar-se, de fugir à vida da memória, da lembrança, por estar aberto às solicitações, impulsionado por um desejo consciente de participação:

*Abrir a janela.
Abrir a janela simplesmente
Deixar engavetada a especulação metafísica
e a íntima ressonância nos espelhos de outrora.*

*Não pensar no passado nem no que se passou no passado,
mas existir liberto dos fantasmas acompanhantes.
A casa não tem importância. Nem a casa nem o passado.
E os fantasmas são ficções de recordar. Não recordar.
Em cada canto da sala a lágrima que não rolou e o soluço abafado,
pulsando no coração o remorso, a expectativa e o desejo.
Entretanto comparecer impávido e frio na fria sacada,
após abrir a janela simplesmente,
depois de abrir a janela simplesmente.*

No livro *Latifúndio Devorante*, ele tenta retratar seu tempo e seu meio, procurando traduzir reivindicações e angústias humanas. Isso se verifica no sentido preconcebido e intencionalmente dirigido de seus poemas, conduzindo-o ao descritivo que beira ao panfleto, principalmente ao retratar a figura do proprietário:

*Pérfido o ávido proprietário fui até não faz muito tempo
também era natural que assim eu procedesse
porque assim procederam os meus pais e meus avós
porque assim procederam os pais dos meus avós.
Quando aqui cheguei, quando regresssei, ao sítio do não fazer
dele não me lembrava mais tantos anos fazia que o tinha
abandonado.*

O binômio cidade x campo, simbolizando os pólos tensionais riqueza *versus* pobreza, corrupção *versus* pureza, agitação *versus* paz, constituem a síntese temática dessa fase da produção poética de Aluísio Medeiros. O lado negativo dessa síntese - a cidade - mostra o homem solitário e vazio de todos os valores humanos, numa contínua tentativa de agressão e destruição do próximo. O desejo de libertação se manifesta na busca do retorno ao estado puro, inocente, à vida primitiva e simples, idealizada na imagem do campo. A solidão é quase sempre conseqüência direta do desejo de interiorização do homem em busca de privacidade, de reintegração de si mesmo, fragmentado nas obrigações múlti-

plas das contingências diárias. O tema da reforma agrária é aqui veiculado pelo homem comprometido com o seu semelhante e com prementes mudanças sociais e políticas:

Não vem ninguém me visitar.

Não vem agora, eu bem sei.

Mas muito não demorará

Latifúndio devorante

o momento de eu te assassinar.

Vou retalhar o teu corpo

em mil pedaços iguais

chamarei os camponeses

dos arredores distantes

e a cada um eu darei

um pedaço de ti mesmo

Latifundiário devorante

que devorou minha vida.

Artur Eduardo Benevides é o perpétuo presidente da Academia Cearense de Letras e considerado Príncipe dos Poetas Cearenses. Tem vasta obra publicada e premiada, quase toda no âmbito da poesia, embora haja também escrito belos ensaios, como: *A Lâmpada e os Apóstolos* (1952); *Universidade e Humanismo* (1970); *Universidade e Cultura* (1972). Na Revista CLÁ, o escritor publicou o belo ensaio *O tema da saudade na literatura luso-brasileira*. A convite do Governo do Ceará, Artur Eduardo Benevides organizou as antologias: *Terra da Luz*, com edição de 25.000 exemplares, e *Antologia do Centenário da Cidade de Pacatuba*. A convite da Reitoria da UFC organizou a *Antologia de Poetas Cearenses Contemporâneos* e *Antologia de Poetas Bissexto do Ceará*. Organizou, também, na década de 70, um *Cancioneiro da cidade de Fortaleza*. É formado em Direito e em Letras, foi professor e diretor da antiga Faculdade Católica de Filosofia, da Faculdade de Letras e do Centro de Humanidades da UFC. Foi

Diretor do Centro de Estudos Brasileiros, na Argentina, e proferiu palestras na Universidade de Colônia, na Alemanha, e em Rosário, na Argentina. É Presidente de Honra da Academia Cearense de Letras, pertencendo, ainda, à Academia de Língua Portuguesa, à Academia Cearense de Retórica e à Academia de Letras e Artes do Nordeste - Secção Ceará.

Benevides se classifica como um poeta “essencialista”, que percebe a poesia como “*algo de substancial, universal, subjetivo e intemporal, uma atitude de espírito, um valor supremo*”. A poesia é a tentativa de captação do inefável, da presença do mistério criador. Através de um trabalho de recriação, os versos nascem, trazendo no seu próprio conteúdo, o pressentimento da força poética em sua totalidade. Essa tentativa contínua de essencialização torna-o “hóspede” do estado poético, numa permanente transfiguração da realidade objetiva.

Procurando efetuar a restauração de determinados símbolos míticos transcendententes, Artur Eduardo Benevides evidencia, em seus poemas, nítida influência de Fernando Pessoa, em sua profunda convicção da existência de uma energia capaz de acionar as transformações estruturais que possibilitam a instauração de uma nova realidade. Sua obra reflete também acentuada influência do poeta Augusto Frederico Schmidt, de quem foi amigo pessoal, e do simbolismo poético de Mallarmé. O autor revela-se possuidor de sólida formação humanística, bastante familiarizado aos conceitos filosóficos dos grandes pensadores:

“Em tudo, um sopro da universalidade, mesmo quando o cenário é regional, e uma interpretação que oferece prospecções de caráter psicológico, enriquecedoras do contexto”.

Sua idéia de poesia identifica-se ao conceito filosófico heideggeriano, quando afirma que a poesia é a ansiosa busca de penetração do inefável. Esse pressentimento do Ser, esse olhar que

repentinamente capta algo que antes não conseguia vislumbrar, é a própria poesia, em sua concepção. No ensaio *A lâmpada e os apóstolos*, ele declara:

A esse olhar final, a esse olhar que foi penetrado pela realidade, a esse olhar que encontrou o que no objeto estava invisível mas presente, a esse olhar iluminado pela revelação e pelo reconhecimento, é que podemos chamar de Poesia.

Para ele, o poeta está predestinado a transmitir as mensagens do mundo, a captar a pureza da infância, as angústias humanas, os caminhos perdidos - a reencontrar no silêncio a “presença da ausência”. O poeta é o “hóspede” permanente do tempo unitário:

“... pois o poeta sofre também a contemplação dos caminhos, seres e objetos perdidos - o passado é, em Poesia, uma constante inexorável”

A influência de Rilke aproxima-o da infância, em sua perplexidade constante diante das coisas do mundo. A magia e a ilusão inerentes ao estado puro do “menino” sonhador, que se transporta em aventuras e viagens jamais realizadas, a relação do olhar com o objeto em sua essência, são tendências do espírito que o levam a lutar ansiosamente pela restauração do estado paradisíaco da infância. Essa busca contínua de totalização do real caracteriza o homem desmembrado, disperso, na procura constante e solitária da plenitude do ser. A linguagem poética apresenta-se, portanto, como uma maneira peculiar de olhar o mundo:

“... essa linguagem constitui uma síntese de seu olhar no momento em que ele e o universo estavam integrados, unidos, totalizados no mesmo pensamento criador”.

Sua obra poética lança-se na procura de novos aspectos essenciais da vida e na redescoberta dos antigos caminhos do cotidiano. Revela-se um escritor submisso à temática universalista, integrado na globalização do processo humano de viver, como ele

mesmo assinala no seu discurso de posse da Academia Cearense de Letras:

Já hoje se sente que, em literatura, a tendência natural e normal de todos os escritores do Ceará é a adoção da temática universalista, em qualquer dos gêneros, pois muito já se escreveu em torno do regionalismo, principalmente do fenômeno das secas, sem dúvida o nosso maior e mais angustiante problema sócio-econômico.

Para Benevides, os poetas funcionam como “antenas” da humanidade, procurando desvendar a problemática do espírito humano graças a uma capacidade de intuição que lhes é inata: “As páginas mais significativas para a compreensão da alma do homem moderno são exatamente os poemas dos grandes autores universais”.

Essa atitude filosófica assumida na contemplação do mundo põe em relevo, cada vez mais, a despoetização da vida moderna, o agnosticismo dialético, a desmembração do homem na sua tentativa de reencontro do ser. O poeta efetua sua viagem solitária em busca da renovação espiritual, “quando o nosso silêncio está carregado de memória, símbolos e apelos irremediáveis...” (CLÁ Z, p 72). Em seu livro *Viajante da Solidão* (p. 24), ele questiona a atitude de acomodação (por vezes até de paralisação) da pessoa diante de seus sonhos e projetos:

Por que não fazermos o que nos torna plenos?

Por que não realizarmos o que mais amamos?

Por que sermos indigentes de nós mesmo e sentirmos a penúria da alma despojada de seus próprios sonhos?

Em nossas considerações finais, observamos que os poetas do Grupo CLÁ revelaram-se abertos a várias tendências poéticas: ora continuaram a apresentar um lirismo clássico com características neoparnasianas e simbolistas, através da versificação em forma de soneto – como é o caso do escritor Otacílio Colares –, ora viajaram em vôos metafísicos e transcendentais, na poesia de

Artur Eduardo Benevides; também expressaram-se de forma mais popular, próxima à oralidade, com Antônio Girão Barroso e, por vezes, ousaram romper com a tradição acadêmica, instaurando novos procedimentos temáticos e escriturais, como no poema *Os Objetos* de Aluizio Medeiros. A busca da essencialidade, do fundamento e da aproximação do Ser constituiu-se numa característica sempre marcante da visão de mundo desses poetas, que problematizaram, insistentemente, a postura do homem diante da arte e da vida.

BIBLIOGRAFIA

Revista Clá – 29 números. Edição fac-similar. Fortaleza: Edições UFC, 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES – SEÇÃO DO CEARÁ. Afirmação. In: *Anais*. Congresso Cearense de Escritores, 1947. Fortaleza: Edições CLÁ, 317 p.

AZEVEDO, Sânzio de. O grupo CLÁ. *Literatura Cearense*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976. p. 427-500.

BENEVIDES, Artur Eduardo. *A missão do escritor e a crise do espírito*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1975. 40 p.

_____. *Universidade e Humanismo*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1971. 107 p.

Ceará. Secretaria de Cultura. *Aspectos*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1968. v. 2. 238 p.

COLARES, Otacílio. *Lembrados e Esquecidos*. Ensaios sobre Literatura Cearense. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1975. 204 p.

GUTIÉRREZ, Angela, MORAES, Vera, REMÍGIO, Ana. Organizadoras. *Homenagem aos 60 anos de CLÁ: revista de cultura*. Fortaleza, Imprensa Universitária, 2008.

GUTIÉRREZ, Angela. A memória da Cultura e da Arte da UFC inscrita nas páginas de CLÁ. *Homenagem aos 60 anos de CLÁ: revista de cultura*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008. pgs. 177-180.

LINHARES FILHO. O grupo CLÁ e a vanguarda literária. In: *A produção literária do Ceará*. Fortaleza: Expressão gráfica, 2001. p. 17-47.

LYRA, Pedro. *Poesia cearense e realidade atual*. Ensaios de crítica literária. Fortaleza: Vozes/ Fundação Educacional Edson Queiroz, 1975. 103 p.

MARTINS FILHO, Antônio. e BARROSO, R. *O Ceará*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1966. 544 p.

MORAES, Vera Lucia Albuquerque de. *CLÁ: trajetórias do Modernismo em revista*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004. 188 p.

_____. 60 anos da Revista CLÁ. Prefácio. *Homenagem aos 60 anos de CLÁ: revista de cultura*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008. Pgs 7-10.

_____. CLÁ e FORTALEZA. *Brinco de pérolas*. Crônicas. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008. 114 p. Prêmio Secult – IV Edital de incentivo às Artes e à Cultura.

MONTENEGRO, Braga. *Correio retardado*. Estudo de crítica literária. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1966. 217 p.

MONTENEGRO, Pedro.Paulo. *Convivências*. Anotações e apreciações. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1966.

Graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará, com colaborando para as Cidades de Conferências da Academia Brasileira de Letras há vários anos. É graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará e Mestre em Letras pela UFC, em 1998, tendo apresentado a dissertação: *Crônicas subterâneas e de terras: Demócrito Rocha e Euclides de Cuba no diálogo, sob minha intencionalidade*. Com essa dissertação, Ines foi ganhadora, em âmbito nacional, da categoria ensino e no ano de 2000, do Prêmio Alceu de Azevedo Ed. Cone Sul, que promoveu a publicação da dissertação em formato de livro.

Doutorou-se em Literatura Espanhola pela UNB, com a tese: *Condições e Perspectivas: Romancos D'A Pedra De Reino de Arias Saiz*, defendida em 2004, no Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências Sociais da UNB com orientação do Prof. Mario Miguel González, resultado com muita autoridade no Brasil na área de Literatura de Língua Espanhola. A tese foi indicada pelo mencionado Departamento para concorrer ao Prêmio Teses Destaque USP 2011. A banca de defesa recomendou, também, a tese para publicação pela Edusp, o que, no entanto, só deverá ocorrer quando a autora reduzir pela metade o tamanho de 600 páginas do texto.

Contemplada duas vezes com bolsas de pesquisa Espanhola de Cooperação Internacional-ABCID, realizou curso em Madrid, no ano de 2000, e realizou pesquisa na mesma cidade, em